

Dez Anos de Guerra no Afeganistão

Carlos Santos Pereira
Jornalista

Resumo

O artigo efectua uma retrospectiva cronológica sobre os dez anos de intervenção militar norte-americana e da ISAF no Afeganistão. Descreve os avanços e recuos políticos e militares desta intervenção, apontando os grandes desafios que se colocam ao futuro do país com a retirada progressiva das forças militares internacionais.

Abstract

Ten Years of War in Afghanistan

The article makes a chronological review of the past decade of US and ISAF military intervention in Afghanistan. It describes the political and military advances and setbacks pointing out the significant challenges the country faces in result of the progressive withdrawal of the international military forces.

O Início

Os relógios preparavam-se para bater as 21 horas do dia 7 de Outubro de 2001 em Cabul quando os primeiros bombardeamentos atingiram o aeroporto e outros pontos estratégicos da capital afegã e depois as cidades de Kandahar (Sul) e Jalalabad (Leste).

Eram as primeiras salvas da operação *Enduring Freedom*, o ataque americano ao Emirado Islâmico do Afeganistão, o reinado dos *Talibãs* e santuário da *al-Qaeda*, em resposta aos atentados do 11 de Setembro em Nova Iorque, Washington e Pennsylvania.

Ao mesmo tempo que se iniciava a campanha aérea contra os *Talibãs* e a *al-Qaeda*, equipas da Divisão de Acções Especiais da CIA e das forças especiais americanas penetravam no terreno e iniciavam uma acção junto das forças da Aliança do Norte, coligação anti-*Talibã*,¹ em apoio dos bombardeamentos aéreos efectuados.

O ataque americano perseguia três grandes objectivos: dismantelar a rede da *al-Qaeda* no Afeganistão, impedir bin Laden e seus pares de continuarem a usar o país como base de operações e, ao mesmo tempo, derrubar o regime dos “estudantes de teologia” e garantir um futuro democrático no país.

O Afeganistão estava de novo mergulhado na guerra (Coll, 2004). Os soviéticos invadiram em Dezembro de 1979 e retiraram em 1989. A guerra fez entre 600 mil e dois milhões de mortos afegãos. EUA e Arábia Saudita investiram até 40 biliões de dólares em dinheiro e armas para os *mujahedin*, apoiando sobretudo Gulbuddin Hakmatyar.

Em 1992 dá-se a renúncia do presidente Najibullah, a entrada dos grupos *mujahedin* em Cabul e combates entre diversas facções que dividem a cidade e a criação do Estado Islâmico do Afeganistão. Os acordos de Peshawar criam o Estado Islâmico do Afeganistão e o Governo do Presidente Burhanuddin Rabbani, mas tentativas formação de um governo de coligação degeneram em confrontos. Os massacres multiplicam-se.

Há grande disputa geopolítica em torno do Afeganistão, com forças externas a verem a instabilidade no Afeganistão como uma oportunidade para as suas agendas políticas e de segurança. A partir de 1995 o Paquistão entra no jogo, recrutando nos campos de refugiados os *Talibãs* (grupo surgido em 1994).

1 Deixamos aqui de fora a polémica envolvendo a legitimidade da decisão do presidente George Bush de lançar o ataque ao Afeganistão e sobre o *timing* e as razões exactas do ataque americano.

Os *Talibãs* entram em Cabul em Setembro de 1996 e em breve controlam 75 por cento do território afegão. Estabelecem um regime teocrático com base numa interpretação fundamentalista da *Sharia*. De 1996 a 2001 a *al-Qaeda* de Osama bin Laden transforma-se num Estado dentro do Estado no Afeganistão.

Os EUA alhearam-se de algum modo da guerra, mas equipas paramilitares da *Special Activities Division* estiveram activos no Afeganistão ao longo da década de noventa em operações clandestinas para localizar e capturar ou matar bin Laden. Esses esforços construíram muitos relacionamentos que se revelariam essenciais na invasão americana do Afeganistão de 2001.

Durante um mês as linhas da frente não mexiam e a situação parecia paralisada. Ao cabo de um mês de intensos bombardeamentos aéreos que destruíram as defesas anti-aéreas, os campos de treino, os centros de comando e de comunicações e atacaram depois as primeiras linhas dos “estudantes de teologia”, o dispositivo *Talibã* começou a ceder. Por um momento, o conflito pareceu bloqueado.

A queda de Mazar-i-Sharif, encruzilhada estratégica no Norte do país, a 9 de Novembro, marcou o início da derrocada *Talibã*.

Três dias depois os estudantes de teologia abandonavam Cabul às forças da Aliança do Norte. A 25 caía Kandahar, o grande reduto *Talibã*, no Sul do país, e uma primeira força de cerca de mil *Marines* tomava posições no terreno.

Seguiu-se uma campanha de operações destinadas a perseguir os líderes dos *Talibãs* e da *al-Qaeda* e a eliminar as últimas bolsas de resistência e os refúgios nas montanhas onde os militantes procuravam reagrupar-se: batalha de Tora Bora, que se arrastou até meados de Dezembro e a operação Anaconda, entre Janeiro e Fevereiro de 2002.

Apesar da intensa perseguição das forças americanas nos refúgios no coração das montanhas do Leste do Afeganistão, Osama bin Laden a maior parte dos líderes *Talibãs* e da *al-Qaeda* conseguiriam escapar à perseguição das tropas americanas. Obrigados a fugir do Afeganistão, os *Talibãs* encontravam refúgio nas zonas tribais do Paquistão.

Iniciava-se ao mesmo tempo o trabalho de consolidar politicamente e de criar um regime credível e legitimado em Cabul. Ainda em Dezembro de 2001, a Conferência de Bona criava a Autoridade Provisória Afegã, base do restabelecimento de uma soberania afegã, e que levaria em Janeiro do ano seguinte à formação do regime de Hamid Karzai.

Em Março de 2002 era criada a *United Nations Assistance Mission in Afghanistan* (UNAMA) e a comunidade internacional comprometia-se num esforço gigantesco de assistência humanitária e de reconstrução e desenvolvimento do Afeganistão.

Ao mesmo tempo, uma resolução das Nações Unidas autorizava a criação da ISAF, a força internacional de segurança, que passaria em 2003 para o comando da NATO.

A ISAF estenderia progressivamente as suas responsabilidades da área de Cabul às províncias do Norte e do Oeste do país (2005) e depois ao conjunto do território afegão.

Para os EUA estava consumada uma vitória militar brilhante que conjugou de forma eficaz “a capacidade de utilizar o poder aéreo sem restrições, o recurso sistemático às forças especiais (*Delta*, *Rangers* e outras) e à CIA, e o recurso eficaz às forças locais na sua diversidade étnica”, mas a que faltou a captura do grande alvo da operação, Osama bin Laden – observou o analista Anthony H. Cordesman (2001) num balanço sob o título significativo “*A Flawed Masterpiece*”.

O Início da Insurreição Talibã

As operações de limpeza e de perseguição aos *Talibãs* e *jihadistas* em fuga prosseguiram até meados de 2002. A organização dos “estudantes de teologia” parecia na altura totalmente desbaratada. Mas no interior das montanhas fronteiriças o remanescente dos *Talibãs* começou a reorganizar-se e a preparar-se para lançar a insurreição que o *Mullah* Muhammad Omar tinha prometido nos últimos dias no poder.

Em Setembro 2002 os *Talibãs* iniciaram o recrutamento em áreas *pashtun* tanto do Afeganistão como do Paquistão, sobretudo nas madrassas das áreas tribais, onde aliás tinham nascido os *Talibãs* para lançar uma *jihad* renovada contra o Governo afegão e a coligação liderada pelos EUA. Panfletos apareceram durante a noite em muitas aldeias do Sul do Afeganistão apelando à *jihad*.

Foram estabelecidos pequenos campos de treino móveis dos *Talibãs* e *al-Qaeda* ao longo da fronteira com o Paquistão segundo relatórios das Nações Unidas, e no Verão de 2003 tinham já sido criadas bases, algumas com 200 homens, nas áreas montanhosas tribais do Paquistão.

Os *Talibãs* e outros grupos insurrectos iniciaram ataques ainda esporádicos e pouco coordenados contra as forças militares internacionais e as autoridades de Cabul pouco depois de terem sido escorraçados do poder.

No Inverno de 2003 reconstituíram as suas forças preparando-se para uma ofensiva durante o Verão com grupos de cerca de 50 combatentes a lançarem ataques em postos isolados e comboios de soldados afegãos ou da polícia ou milícias e separando-se logo a seguir em grupos de cinco ou dez para fugir à perseguição.

As forças americanas eram atacadas nas bases com granadas de morteiro ou através de explosivos improvisados.

A partir do Verão do ano seguinte, os ataques esporádicos contra as forças da coligação transformaram-se numa escalada insurrecional. Os primeiros ataques isolados por grupos de *Talibãs* relativamente numerosos surgiram em Janeiro de 2003. Dezenas de soldados afegãos, elementos de organizações não governamentais e humanitárias e vários soldados americanos morreram nos raids, emboscadas e ataques com granadas e mísseis.

Além dos ataques de guerrilha, os *Talibãs* começaram um processo de concentração das suas forças no distrito de Dai Chopan, na província de Zabul, mesmo no centro da sua área privilegiada de apoio. No Verão de 2003 chegaram a concentrar ali até mil militantes armados.

Em 2003 realizaram uma média de apenas quatro ataques por dia a nível de todo o país e cinco por dia em 2004. Mas a partir de 2005 os ataques atingiram outra dimensão reflectindo a insuficiência da presença militar internacional e a ausência de progresso em termos de governação.

Entre 2002 e 2004 os *Talibãs* lançam várias incursões no Sul do Afeganistão, causando 5 mil mortos, entre os quais 200 soldados americanos. A insurreição em 2003 inclui a rede *Haqqani* e o *Hezb-i-Islami de Gulbuddin Hekmatyar*. Em 2005 avançam em força e estendem já a sua acção a todas as províncias do Sul e centro do país - graças em boa parte ao comércio do ópio e ao financiamento secreto paquistanês.

Em Julho de 2005 militantes *Talibãs* assassinaram o chefe da *Ulema Shura* (conselho de académicos religiosos) de Kandahar e lançaram um ataque bombista suicida no seu funeral, no mais ousado atentado no país desde 2001. Era uma surpresa e o sinal da resistência dos *Talibãs*, da fraqueza e da incapacidade de resposta do Governo e da ausência da ISAF.

A violência agravou-se na segunda metade de 2005 chegando a mais de oito ataques por dia, fazendo 1 285 vítimas. Os ataques tornaram-se cada vez mais persistentes, mais ousados, em maior escala e mais sofisticados.

No final do ano o que tinha começado como uma campanha de violência incoerente e descentralizada tinha evoluído para uma insurreição coesa, apostada em erodir a vontade do Ocidente e em derrubar o Governo afegão.

Os *Talibãs* tiraram proveito de uma situação em que o Governo afegão se mostrava incapaz oferecer serviços ou de resolver disputas. Os críticos dizem que o crescendo da insurreição era a prova de que a campanha internacional de construção do Estado no Afeganistão tinha em 2006 falhado na missão de garantir um Estado afegão funcional.

A escalada da violência atingiria o pico na Primavera de 2006 lançando um enorme desafio militar às forças americanas e da Aliança Atlântica e mergulhando do novo o Afeganistão na guerra.

2006: O Ano de Todos os Alarmes

A escalada das acções *Talibãs* lançou o alarme e chamou a atenção para um conflito quase esquecido face à situação dramática no Iraque que parecia fugir completamente ao controlo dos americanos. Os alarmes dispararam em Washington e no seio da coligação Ocidental.

Uma revisão da política afegã pelo Conselho de Segurança Nacional dos EUA reconheceu o desafio emergente e apelou a um aumento substancial da assistência em matéria de segurança e desenvolvimento. Na sequência dessa revisão o apoio às forças de segurança afegãs quase quadruplicou de 1.9 biliões de dólares em 2006 para 7.4 biliões em 2007 e os gastos americanos no apoio à segurança afegã quintuplicaram.

Apanhadas de surpresa pela grande ofensiva *Talibã* da Primavera de 2006, as forças da NATO lançaram, em coordenação com tropas afegãs assistidas por conselheiros militares ocidentais, uma vasta campanha no Sul do país, logrando conter os avanços da guerrilha e recuperar o controlo de povoações e áreas que os *Talibãs* tinham de novo ocupado, em particular na área de Helmand.

No final de Agosto de 2005 forças afegãs e americanas lançaram um assalto às posições *Talibãs* naquela fortaleza montanhosa com forte apoio aéreo. Após uma batalha de uma semana os *Talibãs* foram expulsos sofrendo 124 baixas.

Em Janeiro de 2006 a ISAF, começou a render as forças americanas da operação *Enduring Freedom* no Sul do Afeganistão, tendo por base tropas britânicas, australianas, canadianas e holandesas num efectivo total da ordem dos 10 mil homens com apoio de aviões de combate e helicópteros. Logo em Janeiro de 2006 a NATO concentrou-se na formação das *Provincial Reconstruction Teams* no Sul o Afeganistão.²

O Sul do Afeganistão testemunhou a maior escalada da violência desde o derube dos *Talibãs*. A Primavera e o Verão foram igualmente marcados por grandes operações – *Mountain Thrust*, *Medusa*, Batalha de *Panjwaii*, *Operation Mountain Fury* e *Falcon Summit* – tentando limpar as áreas de combatentes *Talibãs*.

2 As *Provincial Reconstruction Teams* foram criadas pelos países da NATO para garantir segurança a elementos civis das nações doadoras e também proteger a população local até que o Governo de Cabul fosse capaz de estender a sua autoridade para além de Cabul. Irritam o Governo de Cabul porque funcionam fora do seu controlo.

As forças da NATO tiveram uma acção de combate intensa na segunda metade de 2006 conseguindo vitórias tácticas sobre os *Talibãs* e negando-lhes áreas, mas estes não foram completamente derrotados obrigando a NATO a prosseguir as operações em 2007

Logo a partir da Primavera de 2007 os *British Royal Marines* lançaram a *Operation Volcano*, uma acção de limpeza numa aldeia a Norte de Kajaki, seguindo-se grandes operações como a *Achilles* e *Lastay Kulang* e depois uma série de acções detinadas a manter a pressão sobre os *Talibãs* de modo a tentar impedir a esperada ofensiva da Primavera.

A situação obrigou a encarar a urgência de reforçar os efectivos no terreno. Em Março de 2007 a Administração Bush enviou mais 3 500 homens para o país. O Ministério da Defesa britânico, anunciou o aumento das forças para 7 700 homens, até 2009.

As acções da NATO valeram uma vez mais significativos êxitos tácticos como a morte do *Mullah Dadullah*, comandante *Talibã* encarregue das operações no Sul do país, bem como vitórias com pesadas baixas para os *Talibãs* na província de Oruzgan, no Verão e em Outubro, em Arghandab.

Esse esforço não terá, ainda assim, conseguido travar a ofensiva dos *Talibãs*, e a intensificação dos combates a que se assistiu no Verão de 2007 e o multiplicar de atentados bombistas e raptos de estrangeiros pareceu mostrar que os *Talibãs* recuperaram a iniciativa. O clima de insegurança alastra continuamente no país, atingindo províncias até agora poupadas, e a própria capital, Cabul, vive sob a permanente ameaça de atentados bombistas.

Surge um novo paradigma: os *Talibãs* são claramente derrotados em confrontos convencionais mas adoptam tácticas eficazes como a utilização de IED (Dispositivos Explosivos Improvisados).

A escalada da violência não pararia a partir de então. Os insurrectos realizariam uma média de 19 ataques por dia em 2007, quase 30 por dia em 2008. E 52 por dia entre Janeiro e Agosto de 2009 – o que resultaria em parte no envio de mais tropas americanas para o terreno.

Analistas e responsáveis ocidentais avaliavam as forças *Talibãs* em cerca de 10 mil combatentes permanentemente no terreno, segundo um relatório divulgado a 30 de Outubro pelo *New York Times*, dos quais dois a três mil seriam militantes altamente motivados e os restantes combatentes em *part time*, jovens alienados, homens furiosos com bombardeamentos americanos ou simplesmente para ganharem dinheiro.³

³ Segundo responsáveis americanos chegaram em 2007 ao Afeganistão muitos combatentes estrangeiros. De 100 a 300 dos combatentes em *full time* eram estrangeiros vindos do Paquistão, Uzbequistão, Tchetchénia, vários países árabes, tendendo a ser mais fanáticos e violentos e trazendo com eles a capacidade para colocarem vídeos mais sofisticados na *Internet* bem como peritos em explosivos.

Uma emboscada *Talibã* a uma patrulha em Novembro elevou as baixas americanas para cem, fazendo de 2007 o ano mais mortífero para as tropas americanas no Afeganistão.

Já em Dezembro unidades afegãs apoiadas por forças britânicas expulsaram as forças *Talibãs* de Musa Qala.

A ameaça dos *Talibãs* e aparentemente da própria *al-Qaeda* torna-se ainda tanto difícil de combater quanto, sobretudo a partir do ano anterior, se assiste à importação de táticas utilizadas pela insurreição no Iraque, como os atentados suicidas, que se multiplicam a um ritmo imparável – 47 no ano passado e 66 só nos primeiros seis meses deste ano.

O ano de 2008 iria ser marcado por um renovado empenho das forças ocidentais no Afeganistão. A 13 de Junho de 2008 uma operação dos *Talibãs* libertou 1 200 prisioneiros na prisão de Kandahar, numa acção embaraçosa para a NATO, num dos seus centros operacionais no país.

A 13 de Julho foi o ataque coordenado a base remota da NATO em Wanat, na província de Kubar. Entre 1 e 9 Agosto as tropas francesas sofreram pesadas baixas numa emboscada.

A 3 de Setembro a guerra entrou pela primeira vez em território paquistanês como uma acção de comandos, presumivelmente das forças especiais americanas que resultou em mortes de civis paquistaneses.

A 11 de Setembro a morte de dois soldados americanos no Leste elevou para 113 o número de baixas americanas fazendo de 2008 o ano mais letal para as forças americanas – os britânicos sofriam entretanto 108 baixas.

Entre Novembro e Dezembro registaram-se vários casos de ataques e assaltos a comboios de reabastecimento da NATO na área a Leste do desfiladeiro de Khyber e na zona de Peshawar.

No Verão a questão das incursões americanas contra militantes no Paquistão valeu um mal-estar entre EUA e Paquistão. Em Setembro os militares paquistaneses ameaçaram dar ordens para abrir fogo contra americanos que cruzassem a fronteira em perseguição de militantes e a 25 dispararam contra dois helicópteros americanos.

Um relatório publicado pela *London School of Economics* em 2010 afirma que o ISI tem uma política oficial de apoio aos *Talibãs* e que o Paquistão desempenha um papel central no Afeganistão.

Uma sondagem da *Gallup Pakistan* no Verão deste ano testemunhou a hostilidade da esmagadora maioria dos paquistaneses em relação às acções americanas e viam os EUA como ameaça ao país.

No final de 2008, segundo responsáveis dos serviços de informações americanos os *Talibãs* teriam cortado laços com *al-Qaeda*, de qual restariam apenas 100 elementos no Afeganistão.

2007-2008: Fase Crítica da Guerra

Os relativos sucessos militares conseguidos no Sul têm, por outro lado, um preço político elevado, fazendo disparar o número de mortos entre a população – perto de três centenas de só este ano, segundo os dados das agências humanitárias presentes no terreno – mortes causadas em particular pelos raids aéreo contra os *Talibãs*.

A situação está a comprometer o próprio alcance dos avanços militares e a provocar o alarme e mesmo um crescente mal-estar entre as forças da Aliança e o próprio regime de Cabul. Os sinais de hostilidade face à presença militar estrangeira multiplicam-se entre a população, arriscando-se a oferecer terreno fértil à penetração da guerrilha *Talibã*.

À degradação da situação de segurança junta-se por outro lado uma crescente crise de credibilidade do regime de Hamid Karzai, minado pela corrupção e pela incapacidade de garantir a segurança no território. Ao mesmo tempo, e apesar de alguns progressos nas condições de vida dos afegãos, o próprio esforço internacional de reconstrução do país parece atolado num impasse.

É também no período crítico de 2006-2007 que o factor Paquistão começa a ser atirado para a primeira linha. A grave crise vivida no país faz do vizinho Paquistão um enorme factor de risco nesta situação. Abertamente contestado pela oposição secular, Musharraf vê-se a braços com uma autêntica insurreição desde o sangrento assalto do Exército paquistanês à Mesquita Vermelha de Islamabad ocupada por radicais pró-*Talibãs*, em meados do ano anterior.

Teerão aproveita entretanto para estender a sua influência na área. O Presidente iraniano Amadinejad inicia um périplo pelos países da região, incluindo o Afeganistão (onde se avistará com Karzai), o Turquemenistão e o Quirguistão, estando presente na cimeira da Organização de Cooperação de Xangai, a qual se propõe servir de contrapeso à influência americana na região.

Era urgente fazer qualquer coisa. No campo militar começa-se também a falar da necessidade urgente de reforços para fazer face ao crescendo da insurreição. Entre os responsáveis americanos como Almirante Mike Mullen, Chefe de Estado-Maior Conjunto falava-se da necessidade de um reforço de 10 mil homens para fazer face à situação no Afeganistão, mas, segundo o próprio Almirante, a prioridade era ainda o Iraque.

Nos primeiros cinco meses de 2008 os efectivos militares americanos no Afeganistão aumentaram em mais de 80 por cento com um reforço de mais de 21 mil homens, elevando o total das forças americanas de 26 mil em Janeiro para 48 mil no Verão. Em Setembro de 2008 o Presidente Bush anunciou a retirada de mais de

8 mil homens do Iraque e, nos meses seguintes, um novo aumento de 45 mil homens para o Afeganistão (em Junho o Primeiro-Ministro Gordon Brown tinha anunciado a continuação do aumento do número de britânicos no Afeganistão).

A agressividade militar crescente dos *Talibãs*, o multiplicar dos ataques e atentados bombistas e a vizinhança instável e potencialmente explosiva do Paquistão estão a mergulhavam de novo o Afeganistão num clima de insegurança e a colocavam em cheque o regime de Hamid Karzai e a própria presença militar da NATO e dos EUA. O conflito parece atolado num beco sem saída.

A Nova Estratégia Lançada por Obama no Início de 2009

A urgência de reavaliar os métodos da “cruzada contra o terrorismo” impôs-se ainda durante o segundo mandato Bush, mas estava bloqueado pelo Iraque.⁴ A Administração de Barack Obama levaria às últimas consequências a revisão da estratégia seguida no Iraque e no Afeganistão.

A insurreição *Talibã* representa cada vez mais um desafio crucial para a NATO e para a Administração norte-americana.⁵ Ainda em plena campanha eleitoral, o novo presidente dos EUA classificou o Afeganistão de “frente central na batalha contra o terrorismo”.

Face à degradação da situação militar e política naquele teatro, Barack Obama, anunciava a 24 de Março de 2009 uma revisão de alto a baixo da estratégia americana no país: reforço substancial das forças dos EUA, intensificação do treino das forças de segurança afegãs, aposta na dimensão diplomática e regional do conflito, envolvendo, nesta perspectiva, o Paquistão, Índia, Rússia, China, Estados da Ásia Central e países do Golfo, sobretudo o Irão. Mas, para já, a prioridade era conter a situação no terreno e impedir o avanço dos *Talibãs*.

A Administração Obama anunciou em Fevereiro, um mês depois de assumir a presidência, um reforço que duplicaria praticamente o contingente militar dos EUA no Afeganistão – de 38 mil mais 60 mil homens. Ao contingente americano juntavam-se 32 mil militares da ISAF. A nova linha de acção passava ainda por outro lado por um maior empenho na reconstrução social e económica do país. No plano

4 Ver Gilles (2004) e Singer (2004).

5 A questão do Afeganistão tem cada vez mais incidências no próprio plano doméstico. Sem assumir para já a expressão que teve no caso do Iraque, a oposição interna a uma guerra que parece tender a eternizar-se está a aumentar na sociedade americana. Nas manifestações que assinalaram em Março de 2009 o sexto aniversário da guerra do Iraque, surgiram também palavras de ordem contra a presença americana no Afeganistão.

político a grande aposta era credibilizar o regime de Cabul através das eleições presidenciais aprazadas para Agosto.

O objectivo de um Afeganistão democrático e convertido aos padrões políticos e económicos ocidentais é abandonado. Erradicar os *Talibãs* do território afegão é um alvo virtualmente inatingível. A prioridade número um era agora, segundo o próprio Presidente americano, “neutralizar a *al-Qaeda*” e garantir que a organização de bin Laden deixe de ter capacidade para “atacar o território americano ou atingir os interesses dos EUA ou dos seus aliados”.

A “estratégia abrangente” anunciada pelo presidente Obama integra ainda a perspectiva de um “plano de retirada”, confirmando a ideia de que Washington procurava já uma estratégia de saída do conflito.

Outra aposta crucial era um forte investimento na formação e treino da Polícia e do Exército afegão – que deverá crescer dos 80 mil para pelo menos 134 mil homens – na perspectiva de preparar a entrega da segurança do país às forças nacionais – ou seja, de uma progressiva “afeganização” do conflito.

No terreno preparam-se igualmente importantes ajustamentos táticos. Ao cabo de uma semana de reconhecimento ao território, o novo comandante das forças da NATO no Afeganistão, o General americano Stanley McChrystal, faz um diagnóstico grave da situação e anuncia uma série de importantes reajustamentos na acção das tropas ocidentais no terreno. As orientações do novo comandante das forças da coligação no terreno, recomendam uma forte contenção no recurso ao apoio aéreo de modo a evitar baixas civis. A estratégia do General McChrystal previa ainda uma maior atenção às estruturas políticas locais e tribais, um contacto reforçado com figuras religiosas e lideranças comunitárias, e a organização de milícias locais (“Iniciativas de Defesa Comunitárias”, “*Public Protection Force*”) – uma ideia até há pouco categoricamente rejeitada pela liderança americana.

Também a ideia de procurar uma saída política e negociar com os *Talibãs* “moderados” vai fazendo o seu caminho de forma cada vez mais aberta e é já publicamente defendida por figuras como o General David Petraeus, responsável pelo Comando Central norte-americano, que abrange todo o Médio Oriente até ao Paquistão. Em Setembro de 2008 surgiram notícias de negociações do Governo afegão com os *Talibãs* na Arábia Saudita sob o patrocínio do Rei Abdullah. E em Novembro é o próprio Karzai que insiste no diálogo com os *Talibãs*, aparentemente para salvar o seu próprio futuro político.

Trata-se enfim de recorrer a todo arsenal da “contra-insurreição”, na linha de acção do General Petraeus, o herói da *surge* no Iraque – e para quem se viram agora as expectativas de uma viragem no Afeganistão.

Os peritos alertaram desde logo que os reforços militares anunciados não garantiam uma repetição dos resultados alcançados no Iraque. O Afeganistão coloca uma série de problemas específicos: uma insurreição de base rural e que dispõe ademais de santuários no vizinho Paquistão, a debilidade crónica do poder central, uma rede tribal fragmentada, um tráfico de narcóticos tentacular, uma infra-estrutura pouco desenvolvida e um terreno particularmente difícil.

O Fracasso das Eleições, a “Dissidência” de Karzai e o Problema Político

As eleições de Agosto de 2009 têm papel crucial em toda esta estratégia sendo uma tentativa de reforçar a legitimidade do regime de Cabul e de Karzai que redundou num fiasco marcado pela fraude e pela escassa afluência da população às urnas.⁶

Esta situação agrava um clima de incerteza no país e complica tanto a revisão da estratégia afegã em curso na Casa Branca como as decisões de Barack Obama quanto a um reforço militar que divide as elites políticas e militares em Washington alimentando a especulação quanto a uma possível retirada americana a médio prazo, pois o relatório de situação do comandante das forças americanas e da NATO, General Stanley McChrystal, apresentado ao Presidente Obama, sem pedir abertamente o envio de mais tropas, deixa implícita a urgência de um reforço militar.

Karzai transformara-se num problema. Escolhido em 2001 pela Administração Bush para dirigir o Afeganistão pós-*Talibã*, Hamid Karzai tornou-se uma figura incómoda. As relações entre a liderança de Cabul e a Casa Branca deterioraram-se notoriamente desde o início do ano. Figuras da nova Administração americana criticaram publicamente Karzai, denunciando a ineficácia e a corrupção da sua Administração.

A Secretária de Estado Hilary Clinton referiu-se ao Afeganistão como um “narco-Estado” e apontou o dedo à “limitada capacidade” e à “corrupção generalizada” da Administração Karzai.

No final de Janeiro de 2009, o *New York Times* escrevia, citando fontes anónimas na Casa Branca, que os EUA viam doravante o líder afegão como “um obstáculo potencial” aos objectivos americanos no país. Em Washington falava-se em procurar “alternativas viáveis” para a desacreditada liderança de Karzai. Em meados de

⁶ Os resultados apurados sugerem que apenas 5,5 milhões de afegãos se terão deslocado às urnas, numa população de 30 milhões, num universo da ordem dos 17 mil eleitores, e nas zonas do Sul, de maior implantação *Talibã*, a votação foi extremamente baixa.

Junho, o novo Embaixador americano em Cabul, Karl W. Eikenberry, tomou a iniciativa inesperada de surgir em conferências de imprensa ao lado dos dois principais rivais de Karzai na corrida à presidência, os antigos Ministros dos Negócios Estrangeiros, Abdullah Abdullah, e das Finanças, Ashraf Ghani.

Submetido a forte pressão do Ocidente, mas refém, ao mesmo tempo, dos apoios políticos negociados para as eleições, Hamid Karzai prossegue uma agenda política própria, e que nem sempre coincide com os objectivos da Casa Branca. O líder afegão responde aproveitando todas as ocasiões para marcar posições em relação aos seus antigos “patronos”. Karzai passou a criticar duramente as tácticas militares americanas no país e as elevadas baixas civis. No início de Junho, Cabul pretendeu mesmo proibir os ataques aéreos e impor as regras de empenhamento aos líderes ocidentais.

Paralelamente, a degradação da situação militar no Afeganistão e as elevadas baixas entre a população civil estão por outro lado a gerar protestos em zonas críticas do país, pondo em causa um dos objectivos cruciais da estratégia de contra-insurreição – a conquista das populações.

O comandante das forças aliadas, General Stanley McChrystal, dá ordens às suas tropas para evitarem a todo o custo as baixas civis. Ora o número das vítimas civis do conflito continua a subir, agravando os sentimentos de hostilidade da população. A província de Nangarhar, no Leste do Afeganistão, é palco de protestos violentos da população depois de uma acção das tropas americanas que faz pelo menos 10 mortos. A situação repete-se em diversos pontos do Leste e do Sul do Afeganistão. No final de Janeiro de 2010 os afegãos manifestaram-se nas ruas durante três dias consecutivos e bloquearam o tráfego na auto-estrada que liga Cabul a Kandahar em protesto pela morte de quatro homens num raide das forças da NATO na aldeia de Ghazni.

De acordo com dados apurados pelo Pentágono, entre Janeiro e Abril de 2009 o número de baixas civis eleva-se a 90, um aumento de 76 por cento em relação aos 51 civis mortos em igual período do ano anterior. Só em Abril de 2009 registaram-se 173 mortos entre a população – mais 33 por cento do que em igual período de 2008. A maior parte das baixas civis são atribuídas aos insurrectos, mas o número de civis mortos em resultado de acções militares da coligação continua a aumentar.

A crise abriu outra frente: a informação e a conquista pelos “*hearts and minds*”. Os responsáveis da coligação concluíram que o crescendo da insurreição a partir de 2006 se baseava em boa medida na eficácia dos *Talibãs* em fazer passar a sua mensagem junto da população local e dos *media*. Os *Talibãs* difundiam a sua versão dos acontecimentos com uma rapidez que deixava completamente desarmados os porta-vozes da ISAF (Foxley, 2007).

Nas suas acções de “guerra da informação”, os *Talibãs* não hesitaram em recorrer aos mais modernos instrumentos mediáticos como a rádio, a internet e os vídeos – que antes repudiavam como incompatíveis com o Islão – a par de instrumentos tradicionais como as famosas “cartas nocturnas” distribuídas nas aldeias afegãs (ICG, 2008).

A “frente da informação” assumiu desde então um papel prioritário na condução da guerra. Em 2008 a ISAF criou uma estrutura de informação com a missão de contrariar essa vantagem passando a ser um dos grandes objectivos da NATO no terreno.

Esteve também no centro das revisões estratégicas operadas pela Administração Obama desde o início de 2009. O Departamento de Estado norte-americano lançou em Agosto de 2009 um plano para contrariar a propaganda dos militantes no Afeganistão incluindo telefones celulares, emissores de rádio FM e de vídeo e a instalação de novos transmissores satélite através do Afeganistão a fim de difundir a mensagem anti-insurreição o mais rapidamente possível.

Os *Talibãs* responderam a este esforço de conquista “dos corações e das mentes” dos afegãos procurando melhorar a sua imagem junto das populações e mesmo dos países vizinhos. Os insurrectos passaram a auto-retratar-se como um movimento de libertação, independente da *al-Qaeda*, procurando capitalizar a frustração e descontentamento dos afegãos perante o seu governo e a presença de tropas estrangeiras.

O líder espiritual dos *Talibãs* *Mullah Muhammad Omar* emitiu em Maio de 2009 um novo código de conduta para os combatentes *Talibãs*. O texto proíbe ataques suicidas contra civis, o incêndio de escolas, práticas como cortar as orelhas e a língua de informadores e inclui instruções precisas sobre o tratamento de prisioneiros e as relações com a população local.

A situação em matéria de apoio ao desenvolvimento também não ajuda, já que praticamente não chega às vítimas. Os programas de desenvolvimento com fundos de doadores (e a pressão para serem aplicados e mostrarem resultados depressa choca com um ambiente de fraqueza do Estado, de corrupção e favorecimento ilegal, que gera conflitos e o desapontamento das populações em vez que conquistar os seus *hearts and minds* (Jarvenpaa, 2011).

Entre os empreiteiros, as redes de clientes, aldeias e tribos gerou-se uma competição intensa pelos projectos de desenvolvimento. Para as elites políticas afegãs o conflito transformou-se num empreendimento lucrativo. Os contractos de construção, de transporte e de segurança privada estão minados pela corrupção e pelo clientelismo (Tierney, 2010).

As nomeações governamentais são compradas, vendidas e distribuídas a familiares e aliados, desde altos cargos na polícia ou nas alfândegas a governos locais. Os abusos da polícia e de funcionários governamentais acabam por minar a con-

fiança da população e desvirtuar os progressos que têm sido realizados desde o fim do regime *Talibã* (Jarvenpaa, 2011).

Mas a corrupção tem também uma dimensão internacional.⁷ Tanto a CIA como os próprios militares americanos não hesitaram desde o início do conflito em cultivar e manipular quaisquer figuras exigindo apenas que alinhassem com o Governo e fossem anti-*Talibãs*, ignorando a forma como tratam a população e fechando os olhos a actividades ilegais.⁸

O autor fala de “hipocrisia” da Administração norte-americana ao exigir acção anti-corrupção ao mesmo tempo que paga e protégé os elementos culpados (e lhes garante impunidade aos vencedores económicos do pós-2001) – que mostra falta de seriedade e alimenta o descontentamento.

Entretanto o imperativo de negociar com os *Talibãs*, ainda há pouco categoricamente rejeitado em Washington, Londres e outras capitais ocidentais, impõe-se cada vez mais como passo indispensável para encontrar uma saída para o conflito afegão e a almejada retirada dos EUA e da NATO.

A questão tem vindo a lume em momentos críticos na evolução do conflito afegão. Na campanha para as eleições de Agosto de 2009, Hamid Karzai estendeu várias vezes a mão aos “irmãos *Talibãs*”, numa série de iniciativas destinadas a afirmar uma agenda política própria e para se afirmar como um elemento capaz de promover a reconciliação nacional. Hamid Karzai avistou-se em Março de 2009 com delegados de um grupo insurrecto muito activo no Leste do Afeganistão, Hizb-i-Islami, do antigo Primeiro-Ministro Gulbuddin Hekmatyar.⁹

Em resumo, no final do ano de 2009 os esforços para conter a insurreição *Talibã* ficaram longe dos resultados almejados. Meio milhar de baixas entre os militares da coligação, entre eles mais de 300 soldados americanos, segundo os dados do observatório independente *icasualties*, fizeram de 2009 o ano mais mortífero desde o início da guerra, em 2001.

7 Após eleições Karzai retorquiu a acusações ocidentais, acusando comunidade internacional de ser factor de corrupção.

8 O chefe do *Office on Drugs and Crime* (UNODC) das Nações Unidas queixou-se que a “aceitação tácita do tráfico de ópio pelas forças militares estrangeiras como forma de obter informações e apoio militar ocasional em operações contra os *Talibãs* e a *al-Qaeda* mina os esforços de estabilização”. O autor fala de “hipocrisia” da Administração norte-americana ao exigir acção firme no combate à corrupção ao mesmo tempo que paga e protege os elementos culpados – o que mostra falta de seriedade e alimenta o descontentamento.

9 Em 2008 chegou a haver contactos exploratórios com mediação saudita e ao longo de 2009 vieram a lume sinais, amiúde contraditórios, de contactos com enviados de Cabul e mesmo dos EUA por intermédio de antigos responsáveis *Talibãs*. As tentativas de diálogo esbarraram sempre numas quantas questões cruciais. O Governo afegão exige que os insurrectos deponham as armas e quaisquer ligações à *Al Qaeda* antes de iniciar as negociações. O *Mullah Omar*, líder dos *Talibãs*, e seus pares insistiam na retirada prévia de todas as forças estrangeiras do país.

A insurreição ganhou o controlo de novas áreas do Norte e do Oeste do Afeganistão e semeia o medo e a insegurança na própria capital.

Com o conflito atolado neste final de 2009 começam mesmo a fazer-se comparações com os soviéticos. Neste contexto fizeram-se notar os comentários do Embaixador russo em Cabul, Zamir Kabulov, alertando que o reforço de forças da NATO podia repetir destino de tropas soviéticas no Afeganistão (Associated Press, 2009).

As incógnitas da equação afegã são enfim adensadas pela pressão do tempo. O empenho dos europeus no Afeganistão é cada vez mais condicional e nos Estados Unidos a guerra é cada vez mais impopular. Robert Gates adverte que a Casa Branca dispõe, no máximo, de ano e meio para apresentar resultados ou arrisca-se a que a paciência das elites políticas e da opinião pública americana se esgote.

As sondagens testemunham a crescente impopularidade da guerra EUA, tal como na Grã-Bretanha, e o Chefe do Estado-Maior Conjunto norte-americano, Almirante Mike Mullen adverte que Obama tem um ano a ano e meio para apresentar resultados ou arriscar-se a fortes pressões no Congresso para uma rápida retirada do Afeganistão.¹⁰

Ao mesmo tempo, sondagens recentes entre a população afegã mostram uma forte oposição aos *Talibãs*, e um apoio, mas a diminuir, à presença das tropas americanas. Defendem negociações entre o Governo e os *Talibãs* (60 % em 2009) e uma maioria limitada defende um Governo de coligação. No Sul *Pashtun* são mais os apoiantes dos *Talibãs*.

Sondagens entre 2006 e 2009 testemunham também uma percepção cada vez mais negativa da situação de segurança na região, com uma tendência para considerar que os *Talibãs* estão mais fortes. Numa sondagem de Dezembro 2009 muitos líderes locais e tribais *Pashtun* no Sul e Leste defendiam a retirada das tropas americanas e as negociações com os *Talibãs* para além de projectos de desenvolvimento para garantir a paz.

A Revisão da Estratégia Obama em Dezembro de 2009

Face à degradação da situação no terreno, e após meses de intensos debates no seio do *establishment* político e militar de Washington, Barack Obama anunciou em finais de Novembro de 2009 uma nova estratégia para o Afeganistão.

¹⁰ Sondagens de Novembro e Dezembro de 2009 da *Gallup* e do *Pew Research Center* detectam na maioria crescente dos americanos uma visão pessimista da evolução no Afeganistão. A perspectiva do aumento de tropas é acolhida com cepticismo e divide a opinião pública americana havendo cada vez mais pessoas a defender a retirada.

A nova estratégia assenta num *surge* (reforço) de 30 mil homens para conter o crescendo da insurreição, no aumento da pressão sobre Islamabad para desalojar os *Talibãs* dos seus santuários no Paquistão, e na intensificação do treino do Exército e da Polícia afegãs de modo a prepará-las para assumirem, num prazo de dois a cinco anos, a responsabilidade pela segurança do país.

Responsáveis militares americanos mostram-se confiante de que o *surge*, que elevará os efectivos americanos no Afeganistão para cerca de 100 mil homens (a que se juntam os 45 mil soldados sob comando da NATO) ao longo dos próximos meses, permitirá travar o crescendo da insurreição e roubar a iniciativa aos *Talibãs* e eventualmente dividir as fileiras da insurreição.

A estratégia de contra-insurreição proposta pelo General McChrystall num documento revelado pela imprensa em Setembro de 2009, deverá enfim ser completada com uma campanha anti-terrorista que tentará neutralizar os santuários dos *Talibãs* e da *al-Qaeda* ao longo da fronteira afegã-paquistanesa através da intensificação dos ataques de *drones*, das incursões de forças especiais e sobretudo de um empenhamento decisivo das forças de Islamabad contra os *Talibãs*.

Se em Março do ano transacto o chefe da Casa Branca falava de uma “estratégia de retirada”, essa perspectiva materializa agora uma dimensão mais concreta, assumindo claramente a retirada, depois de Obama ter apontado uma data concreta para o início da retirada progressiva das forças americanas: Julho de 2011.

Responsáveis de Washington ressaltaram também que essa data teria que ser encarada com alguma flexibilidade. Oficiais ligados ao treino das forças afegãs assumiram em público sérias reservas quanto à prontidão do Exército e da Polícia afegãs, uma das condições da retirada, e o próprio Karzai disse ao Secretário da Defesa norte-americano Robert Gates que as forças afegãs necessitavam de mais 15 anos até estarem prontas a assumir a segurança do país.

O anúncio de um prazo concreto para a retirada não deixou ainda assim de constituir um elemento político novo, e a grande incógnita reside no efeito que uma perspectiva de “pós-ocupação americana” poderá ter no seio da população e nos cálculos dos diversos protagonistas do drama afegão, em particular entre os *Talibãs*, que poderão apostar numa estratégia de ganhar tempo e esperar o momento certo para retomar a iniciativa.

O conflito afegão decide-se por outro lado noutra frente crucial - o vizinho Paquistão. Barack Obama apontou o Paquistão como um elemento crucial na nova estratégia americana para o Afeganistão e renovou o apelo à colaboração de Islamabad na luta contra o “inimigo comum” - o extremismo e o terrorismo.¹¹

11 Depois da vasta ofensiva lançada pelo Exército paquistanês contra os refúgios dos *Talibãs* no Waziristão do Sul, Washington tem exercido forte pressão sobre Islamabad para alargar esse

A não serem aniquilados os santuários dos *Talibãs* e da *al-Qaeda* nas zonas fronteiriças do Paquistão todo o esforço militar no Afeganistão poderá estar comprometido.

Essa pressão comporta também sérios riscos. O Exército paquistanês resiste à abertura de novas frentes, os ataques dos *Predator* e as acções secretas das forças especiais americanas aumentam os sentimentos anti-americanos no Paquistão e o presidente Zardari vê-se a braços com uma situação muito fragilizada. Os êxitos do Exército paquistanês no Waziristão do Sul têm levado os *Talibãs* a explorarem novas táticas, multiplicando acções por todo o país.

Os responsáveis de Washington suspeitam porém que as cúpulas políticas e militares paquistanesas preferem manter os *Talibãs* afegãos como um trunfo a jogar para contrariar a influência da Índia em Kabul, num futuro realinhamento de forças em torno do Afeganistão.

Mas a nova estratégia anunciada por Barack Obama depara-se com pesadas incógnitas. Os mais críticos da nova estratégia para o Afeganistão assinalam que desde o início do ano findo o contingente americano aumentou praticamente para o dobro – de 35 para 68 mil homens – sem que fosse possível travar a escalada da insurreição e a degradação das condições políticas no país. A luta pelos “corações e as mentes” dos afegãos esteve longe dos objectivos almejados. A eficácia dos IED (explosivos improvisados) e as táticas de guerrilha cada vez mais sofisticadas tiveram efeitos devastadores sobre as forças americanas e da NATO.

Ao mesmo tempo, a insurreição alastrava cada vez mais a áreas do Norte e do Oeste do Afeganistão até há pouco mais ou menos pacíficas. Segundo cálculos americanos, os *Talibãs* têm uma influência significativa em 11 das 34 províncias afegãs.

Das Grandes Operações no Sul aos Contactos com os *Talibãs*

O ano de 2010 começou com o reforço substancial dos meios militares americanos, a começar por uma primeira força de nove mil *Marines* que concentrou os seus esforços no Sul, nas áreas de Kandahar e Helmand, de modo a reforçar a ofensiva contra os bastiões *Talibãs* e a cortar as linhas de infiltração dos insurrectos ao longo da fronteira com o Paquistão. Era o início de uma série de operações destinadas a desalojar os *Talibãs* dos seus bastiões.

esforço a dois outros santuários da insurreição: o Baluchistão, que acolhe a *Quetta Shura* do *Mullah Omar*, o líder dos *Talibãs*, e o Waziristão do Norte, base das incursões das forças de *Sirajuddin Haqqani* no Leste do Afeganistão.

A operação *Moshtarak* foi lançada em meados de Fevereiro 2010 com o objectivo escorraçar os *Talibãs* da região de Marjah, na província de Helmand e conquistar a confiança da população.

O avanço foi bem sucedido, mas mês e meio depois de os responsáveis militares americanos terem dado por terminados os combates em Marjah os combates entre os *Marines* e os *Talibãs* multiplicavam-se, com responsáveis locais afegãos a reconhecerem que os *Talibãs* estavam de novo a aumentar a sua influência na área e a perseguir os suspeitos de colaborarem com o Governo de Cabul e os seus aliados americanos, levando a que muitos camponeses fugissem da região queixando-se de que as tropas americanas se mostravam incapazes de garantir a sua segurança.

Um relatório do Pentágono revelado a 29 de Abril constata que a crescente pressão militar americana está a submeter os *Talibãs* a uma “tensão sem precedentes” e a roubar espaço de manobra aos insurrectos, mas reconhece ao mesmo tempo que os resultados do *surge* (reforço de tropas) estão longe dos objectivos almejados.¹²

“A tática dos insurrectos de se infiltrarem de novo nas áreas ‘limpas’ está a ter o efeito de dissuadir os locais de alinharem com o Governo afegão, o que está a complicar os esforços para organizar uma administração local” – constata o documento do Pentágono.¹³

Em Junho os *Marines* apoiados por forças afegãs lançaram o assalto a Kandahar, a segunda cidade do Afeganistão berço espiritual dos *Talibãs*, a maior operação lançada pelos EUA e seus aliados em quase nove anos de guerra (com mais de 10 mil homens), a qual foi longamente preparada e anunciada.

A operação entrará então numa segunda fase, destinada a garantir a segurança da área de Kandahar e instalar equipas de administradores civis e conselheiros ocidentais com a missão de conquistar a adesão de uma população fortemente influenciada pelos *Talibãs*, e tradicionalmente hostil ao regime de Cabul.

Ao mesmo tempo, os *Talibãs* e outras facções militantes reagiram lançando uma campanha concertada de ameaças e assassinatos contra oficiais municipais e provinciais e todos quantos se dispunham a colaborar com as forças estrangeiras.

12 O relatório, encomendado pelo Congresso, reconhece que a população apoia ou simpatiza com a insurreição em 92 dos 121 distritos identificados pelos militares americanos como terreno-chave para estabilizar o país e constata que os *Talibãs* se têm sido capazes de resistir a sucessivos assaltos americanos e de restabelecer a sua influência em áreas de onde tinham sido expulsos.

13 Um inquérito recente à população de Helmand, realizado pelo *International Council on Security and Development* (ICOS) apurou que a Operação *Moshtarak* acentuou ainda mais o rancor da população contra as forças ocidentais. “O objectivo de conquistar os corações e as mentes, um dos elementos fundamentais da ‘nova estratégia’, não foi atingido” – constata o relatório do ICOS.

Apesar das dificuldades e limites, os resultados do *surge* são notórios no Sul, em Julho de 2011, nas províncias de Helmand e Kandahar, sendo que em Marjah (província de Helmand), palco de uma larga ofensiva dos *Marines* há 15 meses, no Verão de 2011, elementos do governo já se movem com à vontade e na vizinha província de Kandahar e as escassas tentativas dos *Talibãs* de recuperarem algum terreno são rechaçadas.

Além do influxo de tropas, Helmand beneficiou de um ambicioso programa de assistência e de desenvolvimento apoiado por americanos e britânicos e que injetou milhões de dólares na província para financiar uma série de projectos de desenvolvimento e criar empregos.

Sinal evidente da mudança, Lashkar Gah, a capital da província de Helmand, ainda há pouco uma das zonas de guerra mais temidas no Afeganistão, é um dos locais escolhidos para a fase inicial da transição das responsabilidades de segurança das forças da NATO para o Exército e a Polícia afegãs.

Anunciada com larga antecipação, numa acção de propaganda que abdicou deliberadamente do factor surpresa, a acção contra o antigo reduto *Talibã* de Marjah foi acompanhada de intensos contactos com os líderes tribais e mesmo de uma espécie de sondagens para auscultar os sentimentos da população local.

A ofensiva em Marjah colocou assim em jogo um vasto arsenal de operações de “guerra psicológica”, testando um aspecto crucial do plano de contra-insurreição do General McChrystall. “Trata-se de uma guerra de percepções” – observou o General McChrystal numa reunião da NATO em Istambul pouco antes do lançamento da ofensiva em Marjah. “O que está em causa não é quantos inimigos matamos ou quanto terreno conquistamos ou quantas pontes destruímos. A questão está toda na mente das populações e de todos os que estão envolvidos na guerra”.

É neste quadro de sucessos militares, recuperação da iniciativa e aumento da pressão sobre os *Talibãs* que a questão das negociações com estes regressa à primeira linha. O Secretário da Defesa norte-americano Robert Gates reconhece numa visita ao Paquistão que os *Talibãs* são definitivamente parte do quadro político afegão, embora insistindo no imperativo do abandono da violência e do respeito pela Constituição. De facto, anteriormente o Governo britânico tinha pressionado Hamid Karzai a estabelecer negociações com os *Talibãs*.¹⁴

14 O Presidente Hamid Karzai evocou publicamente a 18 de Junho de 2010 a existência de contactos preliminares entre responsáveis americanos e os *Talibãs*, confirmando assim rumores correntes nos meios diplomáticos de Cabul desde há vários meses.

A Conferência Internacional reunida em Londres em Janeiro de 2010 estabelece um plano destinado a convencer combatentes *Talibãs* a abandonarem as armas bem como a retirada dos nomes de alguns líderes da insurreição da “lista negra” das Nações Unidas em nome da reconciliação nacional.

Concorrentemente, responsáveis citados pela imprensa americana reconhecem em privado que nos últimos meses tem havido uma troca de mensagens através de intermediários mas ressaltam que não é seguro que os emissários que se apresentam em nome dos insurrectos estejam de facto mandatados pela liderança *Talibã*. Amplamente promovida pelo aparelho de Karzai como uma “oportunidade para a paz”, e inicialmente acolhida com cepticismo no Ocidente, a iniciativa de “reconciliação nacional” lançada pelo presidente afegão aprovada em Londres acabaria por recolher os aplausos da Secretária de Estado Hillary Clinton, do Primeiro-Ministro David Cameron e do Comandante das forças americanas e da NATO, General Stanley McChrystal.

A “*Jirga da Paz*” solenemente convocada pelo Presidente afegão para Julho de 2010 redonda no entanto num fiasco.¹⁵ Um *rocket* disparado pelos insurrectos saudou o preciso momento em que Hamid Karzai abriu a *Lloya jirga* (assembleia tribal) perante 650 deputados e líderes tribais acenando aos “irmãos *Talibãs*” com a promessa de um “futuro de paz para o nosso país”, concretizando a rejeição do ramo de oliveira estendido dias antes por Karzai por parte do *Mullah Omar*, que o denunciou como uma tentativa de levar os *mujahedin* a uma capitulação impossível.

A “*Jirga da paz*” foi sobretudo um exercício de reforço das próprias bases de apoio de Karzai e não uma consulta nacional que se pretendia que fosse. Foram os governadores nomeados por Karzai que escolheram os candidatos e a maioria dos líderes *Hazara*, *Tajik*, e *Uzbek* ficaram de fora, tal como todos os associados com os *Talibãs*.

Analistas pensam que os gestos de Karzai são meramente simbólicos e que ele pretende fragmentar a insurreição e chegar a um acordo fechado que lhe permita manter-se no poder. “O *High Peace Council* é afinal dominado pelos mesmos líderes de facções que têm feito as guerras nos últimos trinta anos e que abriram o caminho para os *Talibãs* chegarem ao poder na década de noventa” (van Bijlert, 2010).¹⁶

15 Suspeitas de que a maior parte dos convites obedecia a fidelidades ao Presidente e a escolha de um antigo chefe de guerra, Burhanuddin Rabbani, líder dos *mujaheddin* da *Jamiat-i-Islami*, tinha acentuado o cepticismo entre os delegados à *jirga*.

16 Quanto à intenção política de convencer os combatentes *Talibã* a mudarem de campo e reintegrá-los através do *Afghanistan Peace and Reintegration Program*, lançado na Conferência de Cabul em Julho de 2010, subscrito por contribuições internacionais de 250 milhões de dólares e que procurava aliciar combatentes de baixa patente dos *Talibãs* a troco de promessas de trabalho

Com efeito, nada garante que os contactos noticiados desde Setembro de 2010 sejam de facto os primeiros passos de um processo negocial. As alegadas negociações de alto nível com o *Mullah Akhtar Muhammad Mansour*, número dois dos *Talibãs*, facilitados pela NATO, acabaram por se revelar uma fraude (Filkins e Gall, 2010).

Um eventual processo negocial anuncia-se extremamente complexo. As fileiras dos insurrectos incluem grupos e tendências díspares, de nacionalistas *Pashtun* a grupos tribais, de elementos próximos da *al-Qaeda* a simples bandos criminosos (Giustozzi, 2010).

O fracasso da *Lloya Jirga* parece enfim confirmar o cepticismo dos responsáveis americanos que, ainda em vésperas da iniciativa do líder afegão insistiam na ideia de que é prematuro qualquer processo de paz enquanto os *Talibãs* sentirem que estão numa posição de força. Os mais cépticos insistem porém que o tempo joga contra a coligação ocidental.

O Anúncio da Retirada e os Seus Efeitos

A 23 de Julho de 2011 o Presidente Obama anunciou a a retirada de um terço dos cerca de 100 mil militares americanos no Afeganistão até ao Verão de 2011, num calendário que surpreendeu analistas e os responsáveis militares. Tornava-se irreversível a retirada e confirmava-se a pressa de retirar.

O Almirante Mike Mullen, defendia a manutenção do actual nível de tropas até 2013 e o General David Petraeus, até há pouco comandante das forças americanas no Afeganistão, defendia que o grosso do *surge* de 30 mil homens se devia manter no terreno no ano de 2012.

Os EUA tencionam fazer regressar a casa a maior parte das forças no Afeganistão em 2015 e pensa retirar os 33 mil homens do reforço decidido por Obama depois da sua revisão da situação em 2009 no final de 2012, retirando 10 mil já no final de 2011. Neste momento há cerca de 100 mil tropas americanas no Afeganistão.

ou projectos de desenvolvimento para as suas comunidades, não conseguiu arranjar muitos candidatos. Segundo um relatório revelado em Abril de 2010 por um observatório independente de Cabul "cerca de um quarto dos comandantes *Talibãs* de baixa patente que se tentaram a abandonar as fileiras dos insurrectos no Sul do Afeganistão voltaram a pegar em armas face à falta de cumprimento das promessas do Governo. E das poucas centenas que aderiram a maioria são, não verdadeiros *Talibãs*, mas antigos combatentes *Jamiat* e bandidos de Herat, Badghis e do Nordeste.

A retirada do grosso dos primeiros 10 mil homens deverá ocorrer depois do início do Inverno, altura em que se regista anualmente uma quebra sensível na actividade militar no terreno.

Os analistas vêm em contrapartida com alguma reserva o regresso a casa de cerca de 23 mil homens no Verão do ano que vem, em plena “estação de combates,” e interrogam-se sobre o efeito dessa retirada sobre os objectivos militares americanos para o próximo ano. Em áreas como Kandahar onde a população se mostra pouco à vontade com a presença das tropas estrangeiras, não falta quem manifeste receios de que uma retirada apressada das tropas só poderá piorar as coisas.

A directiva de iniciar a redução das forças americanas em Junho de 2011 baseia-se mais na política interna e na pressão para a retirada do que das realidades da dinâmica no terreno no Sul do Afeganistão.¹⁷

Responsáveis militares americanos anunciaram que os principais objectivos para 2012 passam por consolidar os ganhos conseguidos no Sul e no Sudoeste do Afeganistão, incluindo planos para a entrega progressiva de algumas dessas áreas ao pleno controlo das forças afegãs, de modo a libertar recursos para concentrar esforços no Leste do Afeganistão.¹⁸

Os instrutores não poupam elogios ao progressos das forças de segurança afegãs e os responsáveis da NATO falam cada vez mais de “operações conduzidas pelos afegãos”, mas problemas persistentes continuam a alimentar reservas quanto à capacidade de actuação autónoma das forças afegãs.

A captação de recrutas para o Exército Afegão (ANA) duplicou ao longo do último ano elevando os efectivos actuais para 150 mil homens. O Exército Afegão deverá formar 2800 soldados por mês para atingir em Outubro próximo a ambiciosa meta de cerca de 172 mil homens e os efectivos da polícia deverão chegar a 134 mil homens. Em 2014 os efectivos conjuntos das forças de segurança afegãs deverão elevar-se a 400 mil homens.

17 Os custos da guerra terão sido um dos factores que pesou na decisão de reduzir as tropas em 2011. Um relatório de Março de 201 do *Congressional Research Service* diz que desde o anúncio do *surge* em Dezembro de 2009 os gastos do Departamento da Defesa no Afeganistão aumentaram 50 por cento, de 4,4 biliões para 6,7 biliões por mês. Nesse mesmo tempo os efectivos das tropas subiram de 44 mil para 84 mil e deviam atingir 102 mil no ano fiscal de 2011. Os gastos da guerra em 2010 (93,8 biliões) quase atingem o total gasto entre o início da guerra e 2006, e em 2011 esperava-se que os gastos atingiriam 118,6 biliões.

18 O General Petraeus, que terminou o seu mandato no Afeganistão e acaba de assumir a direcção da CIA, disse que o foco da guerra deverá deslocar-se nos próximos meses para o Leste, ao longo da fronteira com o Paquistão e das áreas onde os *Talibãs* e grupos próximos da *al-Qaeda* como a rede *Haqqani* e o *Lashkar-e-Taiba* dispõem dos seus principais santuários.

A questão está em saber se as forças afegãs estarão capazes em 2014 de fazer frente à insurreição sem o apoio maciço que recebem atualmente em matéria de treino, de apoio aéreo na condução das operações no terreno.

A iliteracia, o elevado número de deserções, a insuficiência de oficiais devidamente treinados e capazes de efectiva liderança, a par do consumo de drogas e, em particular no caso da Polícia, de práticas correntes de corrupção e de abuso de poder figuram entre os problemas mais apontados pelos responsáveis pela preparação das forças afegãs.

O General americano William Caldwell, responsável pela missão de treino da NATO no Afeganistão disse recentemente numa conferência de imprensa em Cabul, que em 2010 foram recrutados 110 mil homens, mas dado o elevado nível de deserções apenas 700 integraram de facto as fileiras afegãs. A esmagadora maioria dos desertores (98 por cento) abandonou as suas unidades no terreno, sobretudo nas zonas de combate mais intenso. De facto parece haver cada vez mais soldados a desertar nas províncias do Sul agravando as dúvidas quanto à prontidão das forças afegãs para receber as responsabilidades de segurança do país.

Mas os problemas mais graves são ainda outros. Nos últimos dois anos e meio 48 soldados da NATO foram mortos por soldados ou polícias afegãos em diversos incidentes, alguns deles envolvendo suspeitas de infiltrações dos insurrectos.

Em Junho oficiais dos serviços secretos afegãos prenderam uma dúzia de pessoas nos Ministérios da Defesa e do Interior sob a acusação de terem ajudado no ataque ao Ministério da Defesa em Cabul em Abril que matou dois soldados.

A 15 de Maio a *Oxfam*, uma destacada organização de caridade britânica, alertou que as forças afegãs necessitam de mais treino e que as violações de direitos humanos por parte destas poderão aumentar à medida que assumem a linha da frente.

Apesar dos esforços para alistar *Pashtuns* do Sul, berço e área de implantação tradicional dos *Talibãs*, o número de homens que decidem alistar-se no Exército afegão é muito reduzido, situação que parece estar ligada a casos de simpatia pelos insurrectos, ao medo profundo de retaliações e a dúvidas sobre a estabilidade e a integridade do governo central em Cabul.

Segundo os dados do *New York Times*, as províncias predominantemente *Pashtun* do Sul e Sudeste, entre elas, Kandahar e Helmand, onde foi concentrado o grosso do esforço militar americano, albergam 17 por cento da população total, mas contribuíram com pouco mais de um por cento dos soldados recrutados desde 2009.

Em várias regiões o número de *Pashtuns* recrutados está mesmo a diminuir, registando-se uma quebra da ordem dos 30 por cento nos últimos cinco meses.

Outro factor de desmobilização é a recusa dos *Mullahs* e dos anciãos locais de “abençoarem” o alistamento dos jovens, o que é exigido pelas regras do recrutamento.

O Exército está assim longe de representar o mosaico étnico do país, objectivo considerado fundamental para minorar evitar uma perigosa divisão do país e evitar o risco de uma guerra civil uma vez retiradas as tropas estrangeiras.

A tudo isto junta-se o ângulo económico. O Congresso norte-americano aprovou um orçamento de 12.8 biliões de dólares para apoiar as forças de segurança afegãs em 2012, mas o problema coloca-se num futuro em que a manutenção das forças de segurança ficará em grande medida à responsabilidade do regime de Cabul. No esforço para equipar e treinar o Exército afegão, os EUA forneceram biliões de dólares em equipamento¹⁹ mas resistem a entregar tecnologia sofisticada que os afegãos não têm ainda capacidade para manter.

Apesar disto, as forças de segurança afegãs assumiram em Julho de 2011 a inteira responsabilidade pela segurança de sete áreas piloto, marcando o início de um processo que deverá levar dentro de três anos à rendição das forças da NATO pelo Exército e pela Polícia afegãs.

A escolha dos locais eleitos, na maioria áreas relativamente estáveis, e as condições exactas desta primeira fase da transição traem, ao mesmo tempo, a incerteza quanto à situação no terreno e à preparação das forças afegãs.

As províncias Panjshir e Bamiyan são etnicamente homogéneas e fortemente anti-*Talibãs*, e nunca chegaram a ter uma presença significativa de forças da NATO. As cidades de Herat e Mazar-i-Sharif são igualmente zonas mais ou menos pacíficas, embora nos últimos meses registassem alguma actividade da guerrilha. Cabul está nominalmente há anos ao cuidado das forças afegãs e tem uma grande concentração de forças afegãs e estrangeiras.

Lashjkar Gah, capital da província de Helmand, no Sul, e Mehterlam, capital da província de Laghman, no Leste, estão situadas em zonas críticas, mas representam apenas ilhéus de relativa calma em áreas onde só a forte presença da NATO mantém a situação sob incerto controlo.

Ilustrativamente, esta transição foi assinalada por uma escalada de acções da insurreição. Os militantes aumentaram os seus ataques desde que as forças da NATO começaram a entregar a segurança a tropas locais em partes do país.

Maazar-i-Sharif e Lashkar Gah foram alvo de acções dos *Talibãs* em vésperas da transmissão de responsabilidades e a capital afegã sofreu vários ataques este ano, entre eles, uma acção espetacular contra o luxuoso Hotel Intercontinental, no final de Julho.

¹⁹ Mais de 10 biliões já gastos para equipar e treinar o Exército e a Polícia que têm vindo a chegar ao longo de 2011, incluindo armas, veículos e equipamento de comunicações, segundo o Ministro da Defesa Abdul Rahim Wardak, e um novo pacote de 10 biliões está a ser discutido e tem de ser aprovado pelos legisladores americanos.

A primeira fase da transição foi ainda marcada por uma campanha de ataques dos *Talibãs* visando altas figuras do regime do Presidente Hamid Karzai. A 12 de Julho o irmão do Presidente afegão e homem forte de Kandahar, Ahmad Wali Karzai, foi morto a tiro, seis dias depois foi a morte em Cabul de Jan Mohammad Khan, outro aliado crucial de Karzai, antigo governador da província de Uruzgan, e a 27 do mesmo mês um ataque suicida matou o Presidente da Câmara de Kandahar, Ghulam Haidar Hameedi.

Um Quadro de Segurança Instável

O anúncio da retirada dos primeiros 10 mil soldados americanos até final deste ano, feito a 22 de Junho pelo Presidente Obama coincide com uma nova escalada da violência. Das 65 baixas sofridas pelas forças da coligação em Junho, 26 foram registadas em Helmad, e cinco em Kandahar.

A NATO tem constatado uma redução da actividade operacional dos *Talibãs* apesar de os insurrectos terem lançado em Setembro e Outubro uma série de ações espectaculares na capital afegã, incluindo ataques à base de operações da CIA, a 26 de Setembro, à embaixada americana e ao quartel-general da NATO, no momento em que se aproxima a primeira etapa na redução das forças americanas no Afeganistão.

A situação no terreno e os dados disponíveis sobre o estado de alma dos afegãos – da população comum a militares e responsáveis políticos – traçam um quadro de situação no Afeganistão pouco risonho, e que contrasta fortemente com as avaliações optimistas dos responsáveis militares americanos e da NATO.

Há sinais óbvios de progresso – mais de seis milhões de crianças nas escolas segundo a ONU, *media* florescentes (vários jornais, 10 canais de televisão) e o *boom* dos centros comerciais em Cabul. Mas estes sinais de progresso pouco fazem para resolver os problemas da maioria da população. Problemas que se centram sobretudo em duas áreas críticas: a segurança e a governação.

Os Generais americanos e da NATO pintam um quadro optimista da situação. Dados revelados pela ISAF em Setembro indicam um decréscimo das acções dos insurrectos, o controlo do Sul, o moral em queda dos *Talibãs*.²⁰ Como disse o

²⁰ Um relatório da NATO de 14 de Outubro diz que pela primeira vez se regista um decréscimo nas acções dos insurrectos – menos 26 por cento no terceiro trimestre de 2011 em relação ao mesmo período do ano anterior. Mas os números da coligação entram em choque com outras avaliações, em particular da ONU. As diferenças devem-se a critérios diferentes na contagem dos incidentes violentos (a NATO não inclui por exemplo a campanha de assassinatos).

General Petraeus em Julho, ainda como comandante das forças no Afeganistão, “arrancámos a iniciativa ao inimigo”.

Os já famosos “raides nocturnos” realizados pelas forças especiais americanas e os ataques com *drones* (aviões não pilotados) contra santuários dos insurrectos no Paquistão têm atingido duramente a lideranças e os comandantes dos *Talibãs* no terreno.²¹

Outros dados põem porém em causa este optimismo. O ICG dizia em Agosto de 2011 que há cada vez mais distritos a ficarem sob controlo *Talibã* e que a insurreição está a ganhar áreas antes consideradas seguras.

No segundo trimestre de 2011 houve 2108 confrontos e incidentes violentos – mais 39 por cento do que no mesmo período do ano passado, segundo a ONU. Recorde-se que 2010 foi o ano mais letal para as tropas internacionais, com mais de 700 mortos. O ano de 2011 foi marcado por 131 assassinatos de responsáveis políticos afegãos até Setembro – mais 61 por cento do que no mesmo período do ano anterior.

Os Generais americanos dizem que essas acções são sobretudo o sinal do desespero dos *Talibãs*. Mas muitos analistas vêem-nos antes como sinal de uma insurreição cada vez mais forte e capaz de infiltrar as instituições e mesmo de penetrar em partes de Cabul apesar das estritas medidas de segurança.

Face às acções espectaculares dos insurrectos nos últimos meses como o ataque à embaixada americana em Setembro, o ataque a uma base militar no vale de Panjshir em meados de Outubro e outras acções, a capacidade das forças afegãs assumirem a segurança do país inspira algum cepticismo.

Os dados divulgados parecem confirmar uma notória mudança de tática dos insurrectos que, face à superioridade militar americana, apostam sobretudo em acções de grande impacto mediático e psicológico no momento em se inicia a transição das responsabilidades de segurança para as forças afegãs.

Os insurrectos adaptaram claramente as suas táticas às mudanças no equilíbrio de forças no terreno. Os combates frontais tornaram-se mais escassos e localizados, mas apostaram mais em ataques com bombistas suicidas, em acções de efeito militar limitado mas de grande impacto psicológico e em tentativas de assassinato de responsáveis afegãos.

21 Sob a liderança de McChrystal paramilitares da *Special Activities Division* (SAD) da CIA e das forças de operações especiais americanas iniciaram acções, ao modelo do Iraque. Ao mesmo tempo entravam em acção os ataques com mísseis *Hellfire* no Paquistão – 700 ataques só em Setembro de 2010. Essas acções levaram à morte de 300 comandantes e 800 soldados *Talibãs* entre Julho e Outubro de 2010. A partir de Maio de 2010 essas forças começaram-se a concentrar-se em acções cirúrgicas para capturar ou eliminar determinados líderes *Talibãs*.

O ataque suicida que matou o General Daoud, o carismático comandante da Polícia para o Norte do Afeganistão, no final de Maio, ilustra as mudanças nas táticas dos insurrectos. O bombista suicida rompeu a segurança pessoal do General vestido com um uniforme da Polícia.

Os ataques perpetrados por soldados renegados e que se passaram para o lado dos insurrectos ou por “infiltrados” multiplicaram-se e tornaram-se cada vez mais ousados nos últimos meses. Em Abril um militante fardado de soldado conseguiu infiltrar-se no Ministério da Defesa e matar sete soldados antes de ser abatido. Segundo o Governo de Cabul soldados renegados protagonizaram 25 ataques suicidas nos últimos meses.

A violência continuou a aumentar este ano e contagiou o Norte, até agora pacífico. E a corrupção generalizada está a minar qualquer tentativa de garantir um governo e instituições capazes de render a presença estrangeira após 2014.

Mesmo no Sul, onde se concentraram os esforços americanos em 2010 e 2011, a situação está ainda longe de pacificada e responsáveis americanos como o Secretário da Defesa Robert Gates ou o General David Petraeus, ex-comandante das forças americanas e da NATO têm alertado em diversas ocasiões que o *surge* “quebrou a iniciativa” aos *Talibãs*, mas que os ganhos continuam a ser “frágeis” e “reversíveis”, sobretudo se não forem consolidados, tanto no plano militar como no plano civil.

Em várias zonas das províncias de Helmand e Kandahar mantêm-se bolsas de *Talibãs* e os combates prosseguem, sobretudo nas zonas rurais. Testemunhos locais garantem que, em distritos como Miawand, uma área pouco povoada, os *Talibãs* mal retiraram e a população continua a apoiá-los e a reconhecer a sua autoridade.

As redes de estradas do Sul não estão ainda inteiramente controladas, o que afecta a actividade económica e a dinâmica geral da segurança. A própria Casa Branca reconhece que os ganhos são frágeis e reversíveis (The White House, 2010). Há distritos em que as mudanças são visíveis, mas há outros que são ainda disputados ou estão sob controlo dos insurrectos.

Uma investigação de campo de Outubro de 2010 indica que a maioria dos afegãos não tem confiança nas suas forças de segurança, nomeadamente no Sul e 61 por cento dos entrevistados não acreditava que as forças afegãs conseguissem manter posições nas áreas de onde a NATO retirava (ICOS, 2010).

Há ainda receios generalizados de cumplicidade das forças afegãs com os insurrectos, sobretudo a Polícia e as unidades afegãs expostas em posições nas estradas ou longe dos centros urbanos de Kandahar e Lashkar Gah. O Governo de Cabul tem escassa legitimidade ou credibilidade no Sul do Afeganistão, em particular nas áreas rurais onde não chega qualquer influência do governo.

Responsáveis americanos e da NATO têm apontado que os progressos em matéria de estabilização política, de governação local e da conquista da confiança das populações estão longe de acompanhar os avanços no plano militar. O regime de Karzai continua muito marcado pela corrupção e olhado com desconfiança por grande parte da população e em zonas como Marjah as autoridades afegãs ainda não conseguiram preencher o vazio deixado pelos *Talibãs* em retirada em termos de governação local.

Ora, este aspecto é crucial. Se o progresso a nível militar com o *surge* não for acompanhado em melhorias nos domínios da ajuda ao desenvolvimento, da governação e do combate ao narcotráfico “os ganhos militares serão minados e insustentáveis” (ICOS, 2011).

Os inquiridos à população afegã continuam a testemunhar um sentimento acentuado de insegurança. Em Kandahar, onde os Generais ocidentais reivindicam importantes avanços, a violência faz parte do quotidiano e responsáveis governamentais locais dizem que se sentem em permanente risco de vida.

Em grande medida o regresso dos *Talibãs* deve-se ao vazio criado pelo desencanto da população que sente nada ter a esperar de um governo fraco e de instituições minadas pela corrupção. O ressentimento que muitos afegãos sentem pelas acções das tropas estrangeiras – incluindo os raids nocturnos, as baixas civis e as detenções – e a natureza predatória do seu próprio governo continuam a alimentar as fileiras dos insurrectos.²²

A incerteza que marca toda a situação no Afeganistão é particularmente notória, na longa faixa de 14 províncias ao longo da porosa fronteira com o Paquistão. Trata-se da zona que representa o maior desafio para as forças ocidentais.

Dados recentes da NATO dizem que os ataques no Leste diminuíram em relação ao mesmo período do ano passado, mas é cedo para avaliar até que ponto essa tendência é sólida. Trata-se de um terreno particularmente difícil com vales isolados e de difícil acesso e que oferecem um terreno ideal a acções de grupos como a rede *Haqqani*.

O General dos *Marines* John Allen, disse ao *Wall Street Journal* em meados de Outubro, que tenciona enviar mais alguns batalhões de combate para o Leste do Afeganistão numa medida destinada a prevenir ataques à área de Cabul a partir desta área.

Jeff Dresslaer, um perito em segurança, diz que “a rede *Haqqani* é taticamente mais sofisticada e melhor treinada e nalguns casos mais entricheirada nos centros populacionais” do que os *Talibãs*.

22 Segundo os cálculos da ISAF os efectivos dos insurrectos aumentaram nos últimos anos desde 2005 de poucos milhares de combatentes para 35 mil (Jarvenpaa, 2011).

A rede *Haqqani* transformou-se claramente na maior preocupação dos responsáveis americanos. O grupo actua fundamentalmente nas províncias de Khost, Paktia e Paktika e aumentou substancialmente a sua actividade nas províncias de Wardak e Logar, às portas de Cabul.

Têm também um papel cada vez maior nos diferendos americano-paquistaneses. Os Estados Unidos atribuem as acções em Cabul ao “clã *Haqqani*”, que prossegue uma agenda de guerra própria e que, segundo Washington, conta com o apoio dos serviços secretos paquistaneses. Em Setembro o Almirante Mike Mullen chamou à *Haqqani* um “verdadeiro braço” dos serviços secretos paquistaneses e acusou-os de apoiarem directamente os militantes.

Os americanos têm aumentado os ataques com *drones* ao Waziristão do Norte onde se pensa que o grupo tem santuários e as forças afegãs e da NATO estiveram empenhadas em Outubro numa ofensiva contra o grupo ao longo da fronteira paquistanesa.

Washington vem dando sinais de impaciência crescente perante a recusa do Paquistão de agir militarmente contra a rede *Haqqani* e a sua ambivalência ou mesmo hostilidade face aos esforços de Cabul de reintegrar elementos dos *Talibãs*.²³ Responsáveis americanos ameaçaram mesmo agir unilateralmente contra a ameaça militante se necessário, o que provocou reacções de irritação em Islamabad.

Em suma, apesar dos recuos impostos aos *Talibãs*, as forças americanas e da NATO ainda não conseguiram impor aos insurrectos um revés decisivo. Procuram através de uma forte pressão militar enfraquecê-las antes de iniciarem a retirada.

Ao mesmo tempo continuam a aumentar as baixas civis. No seu relatório semestral de 2011 a ONU registou 1462 mortes civis, um aumento de 15 por cento em relação ao mesmo período de 2010, o pior ano para baixas civis. Em contrapartida os dados da NATO não acusam qualquer aumento das vítimas civis até Setembro.

A NATO reivindica a morte ou a captura de centenas de comandantes de nível médio dos *Talibãs* em raids no decorrer de 2010, mas esses êxitos não parecem capazes de diminuir o nível da violência. Em rigor, terão tido sobretudo o efeito de fragmentar os *Talibãs* e de tornar as unidades locais mais autónomas.

Ora analistas experientes observam que os novos comandantes tendem a ser mais radicais na *jihad* contra a ocupação estrangeira e menos inclinados a compromissos – e talvez menos obedientes às orientações do *Mullah Omar*. Essa fragmentação pode assim acabar por pôr em causa as hipóteses de um acordo político (Kuehn and van Linschoten, 2010).

23 Numa ofensiva diplomática extraordinária de dois dias a Secretária de Estado, Hillary Clinton, foi a Islamabad a 20 de Outubro insistir numa acção armada do Exército paquistanês contra os militantes e pressionou por outro lado para que o Paquistão exerça a sua influência junto dos *Talibãs* para encorajar a paz no Afeganistão.

Muitas áreas antes consideradas estáveis do Norte (incluindo as províncias de Badghis e Faryab), do Nordeste (Kunduz, Baghlan, e Takhar) e do centro (Kapisa) tornaram-se importantes vias de infiltração e as famosas “cartas nocturnas” surgiram já na região central de Hazarajat, até agora uma das áreas mais pacíficas do país (Jarvenpaa, 2010).

Uma sondagem realizada em 2009 pela *BBC* e outros *media* apurou que aos olhos de 50 por cento dos afegãos a corrupção dos funcionários governamentais e da Polícia continua a aumentar. Segundo um relatório da ONU os afegãos pagaram mais de 2.5 biliões de dólares em luvas em 2010 – mais de um quarto do PIB afegão. Karzai continua a ignorar os apelos a pôr termo à corrupção bem como as acusações de fraude na campanha presidencial de 2009.

A Questão de Encontrar um Quadro Político

À medida que se aproxima o calendário de retirada, responsáveis americanos evocam cada vez mais abertamente a perspectiva de negociações com os insurrectos e de elaboração de um quadro político para o Afeganistão depois da retirada. Pressionar militarmente os insurrectos para negociarem é um dos objectivos para garantir o sucesso da retirada.

Hillary Clinton efectuou em 18 de Outubro uma visita surpresa a Cabul para encorajar a liderança afegã a intensificar os esforços de reconciliação com os *Talibãs* e intensificar a cooperação anti-terrorismo com o Paquistão.

Ao longo de 2011 os sinais acumularam-se. Nenhuma das partes abdicou até agora das exigências prévias ao início de quaisquer negociações, mas nos últimos tempos surgiram sinais de alguma evolução. Publicamente a liderança *Talibã* mantém que não haverá negociações enquanto as tropas estrangeiras não retirarem do país e que só falará com afegãos. Mas, a dar fé nos responsáveis de Cabul, a liderança *Talibã* estaria disposta a negociar desde que a sua segurança fosse assegurada.

Oficialmente Washington continua a exigir que os insurrectos deponham as armas, rompam quaisquer contactos com a *al-Qaeda* e reconheçam a Constituição afegã, mas, numa declaração de Fevereiro último Hillary Clinton referiu-se a essas exigências como “resultados necessários” e já não como condições prévias.

No início de Novembro de 2011 o Conselho de Segurança das Nações Unidas separou as listas negras da *al-Qaeda* e dos *Talibãs* e um comité especial está a estudar a hipótese de levantar sanções contra alguns antigos responsáveis *Talibãs*, medidas destinadas expressamente a encorajar a sua liderança a participar em negociações num processo de reconciliação nacional.

O processo continua ainda assim a ser olhado com cepticismo. Responsáveis militares britânicos citados pela *BBC* alertam que negociações a sério só serão possíveis quando os *Talibãs* forem derrotados, e uma fonte do Pentágono invocada pelo *New York Times* sublinhou que o reforço militar americano está a pressionar os comandantes de escalões intermédios, mas que a liderança *Talibã* continua confiante na vitória e pouco disposta a negociar.

No entanto acontecimentos recentes criaram novas dificuldades. Hamid Karzai anunciou que depois da morte de Burhanuddin Rabbani, chefe do Conselho para a Paz criado pelo Presidente afegão para promover contactos com os insurrectos, abandonava qualquer perspectiva de negociação com os *Talibãs* (Rabbani foi morto por um bombista suicida que se fez passar por emissário dos *Talibãs*).

Mas o processo tornou-se incontornável. A comunidade internacional devia investir em facilitar um acordo político sustentado, envolvendo pelo menos três níveis – internamente, entre os afegãos, com os *Talibãs* e com os vizinhos.

As negociações afegãs terão ainda que envolver um outro elemento – o Paquistão, a quem caberá sempre um papel incontornável em futuras negociações. O ISI (*Inter-Services Intelligence*), tem ligações profundas tanto com os *Talibãs* como com a rede *Haqqani*, e acredita-se que participe mesmo em reuniões da *Quetta Shura*, o conselho de líderes dos *Talibãs* (Waldman, 2011).

O regime de Islamabad, e em particular os serviços secretos (ISI) está empenhado em garantir os interesses paquistaneses num futuro processo negocial e um comandante *Talibã*, o *Mullah Baradar*, foi detido o ano passado no Paquistão quando tentava estabelecer contactos directos com o governo de Cabul.

Karzai anunciou ainda que tencionava repensar as relações com o Paquistão e com os EUA, a Europa e a Índia na preparação do futuro do Afeganistão, numa atitude de claro desafio a Islamabad.

Responsáveis americanos e afegãos disseram à *Associated Press* que elementos americanos se avistaram com responsáveis da rede *Haqqani* e um antigo secretário do *Mullah Omar*, Tayyab Aga, em contactos no Bahrein e na Alemanha. Mas estas iniciativas americanas irritaram os Governos de Cabul e de Islamabad, por os americanos terem estabelecido os seus próprios canais com os *Talibãs*.²⁴ Os contactos com Aga foram interrompidos no início do ano depois de uma fuga de informação oriunda do Governo de Cabul.

24 Hillary Clinton numa visita surpresa a Islamabad e Cabul a 20 de Outubro confirmou ainda que os Estados Unidos fizeram já contactos directos para incluir a rede *Haqqani* nos esforços de paz. Washington e Islamabad têm porém conceitos diferentes quanto à sequência das negociações com os *Talibãs* e os seus aliados.

A ideia de muitos responsáveis políticos e militares americanos de que os raids e a morte ou captura de insurrectos acabará por levar os *Talibãs* a ceder e a negociar é contestada por analistas com experiência do teatro afegã. Até agora a evidência no terreno sugere que o *surge* não só intensificou o conflito, mas ainda o expandiu geograficamente, pois os insurrectos continuam a gozar de acesso aos santuários e a apoio no Paquistão apesar do aumento dos ataques transfronteiriços de *drones*.

Minna Jarnvenpaa (2011) defende antes que os esforços militares internacionais devem ser realinhados para evitar acções que entrem em contradição com o objectivo último de um acordo de paz e que “uma atitude militar internacional menos agressiva” ou mesmo algumas “medidas de confiança recíproca” como primeiro passo podiam “abrir o espaço político para negociações genuínas”.

Matt Waldman (2010) defende que é necessária uma solução política mas ao mesmo tempo um acordo exclusivo entre Karzai e os *Talibãs* seria divisivo, alienaria a sociedade civil, os grupos minoritários e outros interlocutores...e poderia levar a uma renovação da guerra civil. Está a faltar uma estratégia política para pôr termo ao conflito que vá além de negociar com os *Talibãs* que defina o tipo de Estado em que os afegãos querem viver e que os vizinhos regionais possam aprovar (mesmo sabendo que demorará anos é urgente iniciar o processo).

Devia ser aberto um debate sobre a reforma constitucional a nível nacional, com o fim de promover mais descentralização e responsabilização a nível local e podia ser discutido na segunda conferência de Bona em Novembro de 2011. A actual estrutura de poder criada pelo acordo de Bona do final de 2001 centraliza demasiado o poder no executivo de Cabul. Ora as sondagens mostram que a população tem o desejo de escolher em eleições os governadores provinciais e de distrito.

A Síndrome Afegã

“O objectivo inicial da invasão era desalojar a *al-Qaeda*, derrubar o governo que a apoiou e derrotar os *Talibãs*. Os primeiros dois objectivos foram atingidos rapidamente. O terceiro objectivo não foi atingido até hoje e não é provável que os EUA alguma vez o atinjam” – escreveu George Freedman (2011).

“O objectivo inicial da invasão era desalojar a *al-Qaeda*, derrubar o governo que a apoiou e derrotar os *Talibãs*. Os primeiros dois objectivos foram atingidos rapidamente. O terceiro não foi alcançado até hoje e não é provável que os EUA alguma vez o consigam” – como escreveu George Freedman (2011)

Mais do que uma reformulação da manobra política e militar americana, as mudanças estratégicas operadas por Barack Obama implicaram uma revisão profunda dos objectivos dos Estados Unidos no Afeganistão.

A tentativa de credibilizar o regime de Hamid Karzai fracassou. A meta de um Afeganistão democrático e alinhado com as perspectivas ocidentais foi abandonada.

O objectivo derradeiro, reiteradamente invocado por responsáveis da Administração Obama, de impedir que Afeganistão voltasse a servir de santuário à *al-Qaeda* perdeu boa parte do seu sentido. De uma organização com uma hierarquia centralizada a dirigir directamente o recrutamento, treino e condução das operações a *al-Qaeda* transformou-se ao longo dos últimos anos numa rede cada vez mais fragmentada de grupos e células regionais com operacionais seduzidos pela ideologia da *jihād* mas muitas vezes sem uma ligação directa à organização. A morte de bin Laden, a 1 de Maio de 2011, limitou-se a coroar (simbolicamente, em boa medida) este processo.

Ao mesmo tempo, os sinais de divórcio entre as agendas dos *Talibãs* acentuaram-se, sobretudo a partir de 2008. Além disso nos últimos anos, multiplicaram-se sinais de sinais de distanciamento progressivo entre as agendas dos *Talibãs* e da *al-Qaeda*.

A estratégia de retirada condiciona doravante toda a manobra americana e da NATO no Afeganistão. Resta saber então que metas se propõem ainda os Estados Unidos no Afeganistão e que meios e condições reais têm de as almejar.

O paralelo com o processo que levaria há vinte e dois anos à retirada inglória do Exército Vermelho face à resistência dos *mujahedin* torna-se irrecusável. Terá sido o então embaixador russo em Cabul, Zamir Kabulov, a chamar a atenção em 2009 para a repetição de muitos dos factores que ditariam a retirada soviética. Kabulov, um homem com larga experiência do Afeganistão, onde servira já durante a ocupação soviética, não se cansou de repetir nos últimos anos que os americanos estavam a cometer exactamente os mesmos erros e caminhavam para um fim semelhante.

Os alertas de Kabulov deram que falar nos meios diplomáticos da capital afegã e não deixaram de ter eco nas análises mais cépticas à “nova estratégia” afegã de Barack Obama.

Antes de abandonarem o país, os soviéticos treinaram e equiparam um Exército afegão que tinha em 1986 mais de trezentos mil homens e revelava alguma eficácia - apesar do quebra-cabeças das deserções e dos oficiais que mudavam de lado situações similares com as que os instrutores americanos se deparam hoje. E tentaram garantir um regime estável em credível em Cabul, confiado ao General Mohammad Najubullah. Eleito Presidente em Novembro de 1988, chegou esboçar um plano de “reconciliação nacional” traçado pelos peritos soviéticos. O plano, que redundaria em fracasso, não deixa de ter um paralelo com os apelos lançados por Hamid Karzai e, cada vez mais pelos abertamente responsáveis ocidentais, a negociações com os *Talibãs*.

O edifício político e militar deixado pelos soviéticos em Cabul ruíria dois anos depois da retirada do Exército Vermelho, abrindo caminho à guerra civil e à subida ao poder dos *Talibãs*.

A “nova estratégia” anunciada por Barack Obama há dois meses, tem por objectivo evitar um cenário semelhante. Nem por isso se multiplicam menos os alertas para a ameaça de uma repetição da História no Afeganistão.

Os Estados Unidos e o Afeganistão discutiram em Junho de 2010 uma “Declaração de Parceria Estratégica” que deverá definir uma cooperação política e militar entre os dois países para além da retirada das forças americanas e da NATO em 2014. As negociações geraram de imediato suspeitas de que a “parceria” se destina a garantir a presença de bases americanas permanentes em território afegão e suscitaram forte reacção entre os vizinhos do Afeganistão. Analistas russos suspeitam de que, em última análise os objectivos americanos passariam por uma presença e um controlo futuro do Afeganistão.

De “homem de mão”, Hamid Karzai transformou-se num problema e numa enorme incógnita, e os americanos não conseguiram arranjar-lhe alternativa viável. Poucos entre os responsáveis militares e políticos de Washington acreditam na possibilidade de uma derrota militar decisiva dos *Talibãs*. Sinal significativo do clima de violência e de incerteza que reina no Afeganistão, a Aliança do Norte está de novo a armar-se em segredo, segundo corre no vale de Panjshir, e é confirmado em privado por responsáveis militares americanos.

Gorados aparentemente os objectivos estratégicos do *surge*, resta saber em que condições será possível negociar uma saída política – com a complexidade adicional de acomodar as perspectivas de Islamabad, de gerir a hostilidade indo-paquitanesa e de ter em conta os cálculos dos outros actores regionais.

Ressalvadas as distâncias históricas e a disparidade dos contextos estratégicos em causa, a memória do fim inglório das expedições britânicas do final do século XIX – início do século XX e da intervenção soviética de 1979 continuam a pairar sobre o Afeganistão.

Referências Bibliográficas

Andréani, Gilles (2004). “The ‘War on Terror’: Good Cause, Wrong Concept”. *Survival*, n.º 4.

Associated Press (2009). “Russian envoy cautions US on Afghan troops surge”, 12 de Setembro.

- Bijlert, Martine van (2010). "Warlords' Peace Council". *Afghanistan Analysts Network*, September 28th.
- Christian Aid, Open Society Foundations, and Oxford Research Group, (2010). "Piecemeal or Peace Deal? NATO, Peace Talks, and a Political Settlement in Afghanistan". Presented at NATO Heads of Government Summit, Lisbon, November 19-20, 2010.
- Coll, Steve (2004). *Ghost Wars: The Secret History of the CIA, Afghanistan, and Bin Laden, from the Soviet Invasion to September 10, 2001*. London: The Penguin Press.
- Cordesman, Anthony (2001). *The Lessons of Afghanistan: War Fighting, Intelligence, Force Transformation, Counterproliferation and Arms Control*. Washington: CSIS.
- Filkins, Dexter e Carlotta Gall (2010). "Taliban Leader in Secret Talks Was an Impostor". *New York Times*, November 22nd.
- Foxley, Tim (2007). *The Taliban's Propaganda Activities: how well is the Afghan Insurgency Communicating and what is it Saying?* SIPRI Project Paper.
- Friedman, George (2011). "9/11 and the Successful War". *Stratfor*, September 6th.
- Giustozzi, Antonio (2010). *Negotiating with the Taliban: Issues and Prospects*. New York: The Century Foundation.
- International Council on Security and Development (ICOS) (2011). *Afghanistan Transition Dangers of a Summer Drawdown*.
- International Crisis Group (2008). *Taliban Propaganda: Winning the War of Words?* ICG Asia Report N° 158.
- Jarvenpaa, Minna (2011). *Making Peace in Afghanistan: The Missing Political Strategy*. United States Institute of Peace Special Report.
- Korbut, Andrei (2009). "Afghanistan Adventure Accrues CIS Countries. NATO Forces Could Repeat the Fate of Soviet Troops". *Voyenno-Promyshlenny Kuryer* (Russia), 16 de Dezembro.
- Kuehn, Felix e Alex Strick van Linschoten (2010). "Who Are the Taliban?". Presented at the workshop "Anticipating a Political Process in Afghanistan: How Should the International Community Respond?". Washington D.C., June 24-25.
- Singer, Peter (2004). "The War on Terrorism: the Big Picture". *Parameters*, U. S. Army War College, Summer issue.

The White House (2010). *Overview of the White House Afghanistan and Pakistan Annual Review*, December 16.

Tierney, John F. (2010). "Warlord, Inc.: Extortion and Corruption along the U.S. Supply Chain in Afghanistan". U.S. House of Representatives, Committee on Oversight and Government Reform, Subcommittee on National Security and Foreign Affairs.

Waldman, Matt (2011). "The Sun in the Sky: The Relationship between Pakistan's ISI and Afghan Insurgents," *Crisis States Research Centre*, Discussion Paper n.º 18.